

OLHOS GONÇALVES (Sôbre um vilancete de Camões)

Todos os leitores de Camões recordarão aquêlê vilancete dos "olhos gonçalves", considerado pela erudição camoniana como peça enigmática. E' o da glosa do pitorêscô mote seguinte:

"Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Ês'te meu coração Mendes".

Hernâni Cidade, mestre dos estudos camonianos, também considera êste breve texto poético ainda inexplicado, como confessa no início da anotação que ilustra o vilancete, a pág. 67 da excelente edição das "Obras Completas" de Camões, publicada pela benemérita Coleção de Clássicos Sá da Costa: "Ficará ainda desta vez sem solução o enigma destas qualificações: "olhos Gonçalves" e "coração Mendes". Trata-se, pela certa, de caprichos da chalaça nacional e de bom-humor de tempo, de cujas invenções ninguém se preocupa de pedir ou registrar explicações, sabido como resultam de fortuitos incidentes da vida social". E rememora a seguir a erudição tecida em têrmo dêste pequeno texto, erudição já considerável.

A meu juízo, o aparente enigma não é de difícil decifração. Só será necessario prescindir de tôda a erudição que sôbre êle pesa. Na literatura sucede, não raras vêzes, coisa semelhante à que observamos na vida médica: os médicos estudam muito bem alguns doentes, aplicam-lhes tôda a aparelhagem técnica moderna, mas não os curam, talvez porque essa aparelhagem afogue a intuição clínica. Assim também tenho presenciado casos, em que a mais espessa erudição sufoca a imediata intuição crítica. Os extensos e ponderosos estudos, a que êste passo camoniano tem dado pretexto, exemplificam bem a tirania da erudição sôbre a intuição.

Camões era um poeta bilíngüe, o maior que tivemos. Na sua formação houve muitas influências castelhanas. Aquêlê italianismo petrarquista, de que êle foi o introdutor ou adaptador à língua e à sensibilidade portuguesa, entrara antes pelo seu reflexo em língua castelhana. E tão fiel foi ao reconhecimento da hegemonia lírica do idioma castelhano, a qual já destronara a velha hegemonia do português trobadoresco dos séculos medievais, tão fiel lhe foi que se tornou um clássico também da língua castelhana. Recordemos

a preciosa edição dessa parte da sua obra, realizada em 1929 pelo ilustre Prof. Marques Braga e logo premiada pela Academia Espanhola.

Neste vilancete há um pequeno vestígio dêsse castelhanismo ou, se preferem, há um patente hispanismo. “Olhos gonçalves” são “olhos verdes” ou “olhos gatunes” ou “olhos felinos” ou “olhos de gato”, porque nos séculos clássicos, portanto no tempo de Camões, chamava-se em Espanha “gonzalo” ou “gonçalo” a um gato. Uma ilustre senhora espanhola, nada menos que a sábia espôsa de Menéndez Pidal, sabendo que eu assim pensava a propósito dêsse passo camoniano, lembrou-me êste bom exemplo, extraído da obra de Pedro Espinosa, autor de século XVII (1578-1650), “El perro y la calentura”: “. . . que el gato sea Don Gonzalo, no más de por ser gato . . . como lo remediará?” (Pág. 196 da ed. Rodríguez Marin). E em Santander outra senhora, D. Carmen de la Vega, professora da Escola Normal Feminina, afirmou-me que em La Montaña, isto é, na sua região, ainda hoje se dizia “campos gonzález” por “campos verdes”.

A graça do mote e da glosa camoniana está na transposição do sentido adjetivo ou qualificativo para o patronímico e logo para o apelido pessoal, e depois para o emparelhamento com o outro apelido Mendes. E êste emparelhamento leva na glosa do poeta a uma nova transposição de sentido: passam os nomes a alcunhas. Então surge outro pequeno problema. Sabido que os olhos gonçalves são olhos verdes, pergunta-se: haveria também sentido figurado para “corações Mendes” ou êsse emparelhamento de apelidos foi apenas chiste do poeta para estabelecer uma simetria de humor? Aqui poderia ser considerada a hipótese de João Ribeiro — “Mendes” sinônimo de “rico”, em recordação da opulência de um Heitor Mendes. A hipótese é verosímil e mais o é depois de explicada a qualificação de “Gonçalves”. Então a simetria seria perfeita. A maiúscula de Mendes é que faria surgir a maiúscula de Gonçalves, erguendo a forma adjetiva comum a nome próprio.

O dr. José Maria Rodrigues, meu saudoso mestre, foi dos autores que mais erudição comoniana acumularam, algumas vêzes, no estudo da epopéia, com sacrifício da imediata e pura intuição crítica. Bom exemplo disso foi a sua polémica em tórno da expressão camoniana da rota de Vasco da Gama. Mas, neste pequeno caso, prontamente aceitou a minha explicação, como declarou a pág. LI dos “Apêndices” da sua edição da “Lírica”, Coimbra 1932, e ainda acrescentou argumento novo, dentro do critério metafórico da história natural, por mim proposto: “Olhos gonçalves” são os olhos verdes. (Cf. Fidelino de Figueiredo, “Revista de História”, XVI, Lisboa, 1928, págs. 76-77). Por causa do “Mendes”, que não tem significação precisa, a grafia usual é “Gonçalves”. “Gonçalo” se chama no Minho a um coleóptero, freqüente nos pântanos, e que dêles e das folhas das outras plantas toma a cor verde”.

Ainda mais peremptoriamente reiterou a sua aceitação do meu alvitre num dos folhetos da discussão, camoniana também, com Alfredo Pimenta. Não posso, porém, haver às mãos essa brochura, sumida num revólto mar de livros.

Releve-me o meu muito prezado e ilustre colega Hernâni Cidade que ante uma obra de tal grandeza como a sua edição e a sua exegese do alto poeta, só me detenha nesta miuça. Por agora as fôrças não dão para mais. Os médicos estudam-me e não me curam...

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Professor de Literatura Portuguesa da Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras (U. S. P.).